Vol. X, N.º 4 — pp. 105-125 25-VIII-1951

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTAS SOBRE OS MAMÍFEROS OBTIDOS PELA EXPEDIÇÃO DO INSTITUTO BUTANTÃ AO RIO DAS MORTES E SERRA DO RONCADOR

POR

CARLOS O. DA C. VIEIRA

Serve de base ao presente estudo uma coleção de mamíferos caçados pela Expedição Científica do Instituto Butantã chefiada pelo Dr. Alfonse R. Hoge, Assistente daquele Instituto, e que teve por objetivo colecionar material zoológico na vasta zona compreendida entre os rios Araguaia e Xingu, em pleno Brasil Central

Dela fizeram parte os Snrs. Emilio Dente e Werner Bokermann, esforçados técnicos do Departamento de Zoologia que, apesar das dificuldades encontradas em tão inóspitas regiões, obtiveram vultoso material mastozoológico, constituido por peles abertas e cheias, com os respectivos crânios, material esse todo de excelente preparo.

A expedição partiu de São Paulo a 1 de agosto de 1949, estacionando em Goiania, em cujos arredores, sem perda de tempo, já seus componentes obtinham numerosas peças, seguindo depois para Leopoldina e Dumbá, à margem do rio Araguaia, onde colecionaram bastante. Prosseguindo por terra, chegaram a São Domingos, povoado à margem direita do rio das Mortes, e sede de um posto de proteção aos indígenas da região. Aí estacionaram quase dois meses (de 6 de setembro a 23 de novembro), o que permitiu a colheita de grande quantidade de material, principalmente aves e mamíferos.

Atravessando a região da chamada Serra do Roncador, entre os rios das Mortes e Xingu, chegaram a Garapu, no Rio Sete de Setembro, afluente do Culuene, que o é do Xingu, e ali ficaram coletando em larga escala, até o mês de dezembro, quando regressaram a São Paulo.

Foram caçados 157 exemplares distribuidos em 9 ordens, 20 famílias e 35 espécies, quantidade essa realmente notável, dada a

exiguidade do tempo e as naturais dificuldades encontradas em tão longa e trabalhosa viagem em regiões quase despovoadas e desprovidas de recursos e conforto.

São os seguintes os mamíferos obtidos e incorporados às coleções do Departamento de Zoologia:

PRIMATAS

Família *CEBIDAE*

1) *Alouatta caraya* (Humboldt)
2) *Cebus paraguayanus pallidus* Gray

Família *CALLITHRICHIDAE*

3) *Callithrix penicillata jordani* (Thomas)

QUIROPTEROS

Família *PHYLLOSTOMIDAE*

4) *Glossophaga soricina* (Pallas)
5) *Hemiderma perspicillatum* (Linnaeus)
6) *Vampyrops lineatus* (E. Geoffroy)

Família *VESPERTILIONIDAE*

7) *Dasypterus intermedius* (Allen)

Família *EMBALLONURIDAE*

8) *Peropteryx macrotis macrotis* (Wagner)
9) *Rhynchiscus naso* (Wied)
10) *Saccopteryx bilineata* (Temminck)

Família *MOLOSSIDAE*

11) *Eumops glaucinus* (Wagner)
12) *Molossus rufus* E. Geoffroy
13) *Molossops temminckii* (Burmeister)

Família *NOCTILIONIDAE*

14) *Noctilio leporinus leporinus* (Linnaeus)
15) *Dirias albiventer* (Spix)

ROEDORES

Família *COENDIDAE*

16) *Coendou prehensilis centralis* Thomas

Família *HYDROCHOERIDAE*

17) *Hydrochoerus hydrochoeris* (Linnaeus)

Família *DASYPROCTIDAE*

18) *Dasyprocta azarae aurea* Cope

CARNÍVOROS

Família *CANIDAE*

19) *Cerdocyon thous azarae* (Wied)

Família *PROCYONIDAE*

20) *Nasua nasua rufa* Desmarest

Famlia *FELIDAE*

21) *Leopardus pardalis brasiliensis* (Oken)

Família *MUSTELIDAE*

22) *Ptenonura brasiliensis* (Zimmermann)
23) *Tayra barbara barbara* (Linnaeus)

PERISSODÁCTILOS

Família *TAPIRIDAE*

24) *Tapirus terrestris* Linnaeus

ARTIODACTILOS

Família *TAYASSUIDAE*

25) *Tayassu tajacu tajacu* (Linneus)

Família *CERVIDAE*

26) *Mazama simplicicornis simplicicornis* (Illiger)
27) *Ozotocerus bezoarticus bezoarticus* (Linnaeus)
28) *Blastocerus dichotomus* (Illiger)

CETÁCEOS

Família *INIIDAE*

29) *Inia geoffroyensis* Blainville

XENARTROS

Família *MYRMECOPHAGIDAE*

30) *Tamandua tetradactyla chapadensis* J. A. Allen

Família *DASYPODIDAE*

31) *Dasypus novemcinctus novemcinctus* (Linnaeus)
32) *Dasypus septemcinctus* Linnaeus
33) *Cabassous loricatus* (Pelzeln)

MARSUPIAIS

Família *DIDELPHIIDAE*

34) *Didelphis paraguayensis* Oken

PRIMATAS

Família *CEBIDAE*

Alouatta caraya Humboldt

Nome local: "*Guariba*"

Simia (Stentor) caraya Humboldt, 1811, Recueil d'Observations Zoologiques, I, pg. 355.

Cebus caraya Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 5 (Norte de Mato Grosso).

Alouatta caraya H. Ihering, 1914, Os bugios do gênero *Alouatta*: Revista do Museu Paulista, vol. IX, pg. 248 (Estado de São Paulo); J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition, Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. XXXV, pg. 586 (Urucum, Rio Taquari, norte de Mato Grosso).

1 ♂ adulto e 1 ♂ jovem de São Domingos, Rio das Mortes, Mato-Grosso (peles abertas e crânios).

Dentre as espécies do gênero *Alouatta*, é esta a que tem maior distribuição geográfica, pois ocorre desde a Bolívia e Paraguay, por todo o Brasil Central, até o norte da Argentina e o interior dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Trouessart (*) e Elliot (**) estenderam muito além sua área de dispersão, afirmando sua ocorrência no Amazonas Superior, o que não foi confirmado até agora, parecendo tratar-se de confusão com *Alouatta nigerrima* Lonnberg, bugio maior e inteiramente negro em ambos os sexos.

O macho adulto é todo negro carvão e a fêmea é de cor amarelo- olivácea, com pêlos escuros esparsos pela cabeça e pelo dorso. Este macho imaturo de São Domingos, assemelha-se na coloração geral à fêmea, porém é muito mais escuro.

Apesar de ter tão grande área de dispersão, esta espécie não apresenta variáveis-diferenciações de colorido nas variadas localidades que habita.

Cebus paraguayanus pallidus Gray

Nome local: "*Macaco*"

Cebus pallidus Gray, 1865, Proceed. Zool. Sc. London, pg. 826 (Bolívia).

Cebus azarae O. Thomas, 1903, On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 234 (Chapada, Mato Grosso).

(*) Catalogus Mammalium, Supplementum, pg. 21.
(**) A Review of the Primates, vol. I, pg. 223.

Cebus azarae pallidus Elliot, 1913, A Review of the Primates, vol. II, pg. 108 (Bolivia).

5 ♂ ♂ e 6 ♀ ♀, São Domingos, rio das Mortes, Mato Grosso; setembro de 1949; 1 ♂ e 1 ♀ de Garapu, Rio Sete de Setembro, Mato Grosso; outubro de 1949 (peles abertas e crânios).

De colorido igual aos caçados no Rio Aricá, norte de Mato Grosso, pela expedição do Departamento de Zoologia em 1944. (*)

Pardo acinzentado bastante escuro, principalmente ao longo do dorso; ventre pardo-ocráceo muito claro; pés e mãos com pêlos cinzentos, entremeados com outros pêlos esbranquiçados; cauda parda, muito escura na parte superior.

Esta forma foi considerada por Elliot (**) como intermediária entre *Cebus paraguayanus paraguayanus* Fischer do sul do Paraguay e *Cebus versutus* Elliot do norte do Estado de São Paulo e oeste de Minas Gerais.

Dentre estes numerosos exemplares caçados nas margens do rio das Mortes, alguns mais jovens, apresentam-se com colorido geral muito mais claro, assemelhando-se ao de *Cebus paraguayanus paraguayanus* Fischer do sul de Mato Grosso.

Família *CALLITHRICHIDAE*

Callithrix penicillata jordani Thomas
Nome local: *"Sauim"*

Hapale jordani Thomas, 1904, Annals and Magazine of Natural History, serie 7, vol. 14, pg. 188; localidade típica: Rio Jordão, Minas Gerais.

Callithrix penicillata jordani Elliot, 1913, "A Review of the Primates", vol. I, pg. 227.

1 ♂ dos arredores de Goiania, Goiaz, 4 de agosto de 1949 (pele cheia e crânio).

A raça típica *Callithrix penicillata penicillata* (E. Geoffroy) ocorre por toda a zona litorânea dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, até o 14º de latitude sul. (***)

É de coloração geral cinza esbranquiçado-escura; cabeça quase negra com pinceis de pêlosnegros nas orelhas; face esbranquiçada com uma característica mancha branca na fronte. Partes inferiores ferrugíneas, manchadas de negro; mãos e pés inteiramente negros. Cauda cinza muito escura, circundada de aneis quase brancos que se vão estreitando até a extremidade que é inteiramente branca.

(*) Cf. C. Vieira, 1944, "Sobre uma coleção de mamíferos de Mato Grosso"; Arquivos de Zoologia, vol. IV, pg. 398.

(**) Elliot, 1913, "A Review of the Primates", vol. II, pg. 109.

(***) Elliot, 1913, "A Review of Primates", vol. I, pg. 226.

Esta forma é encontrada desde as margens do Rio Grande ao norte do Estado de São Paulo, nas divisas de Minas Gerais, até o norte de Goiaz.

Difere da raça típica principalmente no colorido: a cabeça e os pinceis das orelhas são acinzentados; as partes superiores muito mais claras e os pés amarelo-esbranquiçados, em vez de negros. O tamanho é pouco maior e os dentes incisivos são mais largos.

QUIROPTEROS

Família *PHYLLOSTOMIDAE*

Hemiderma perspicillatum (Linnaeus)

Vespertilio perspicillatus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 31; localidade típica: "América do Sul".

1 ♂ e 2 ♀ ♀ de Dumbá, rio das Mortes, Estado de Mato Grosso; outubro de 1949 (peles cheias).

Morcego frugívoro de larga distribuição por toda a região Néo-tropica, é dos mais encontradiços no Brasil, principalmente nas regiões mais quentes.

Exceptuando-se ligeiras diferenças no colorido do dorso, estes exemplares concordam plenamente, inclusive nas dimensões, com os inúmeros exemplares existentes em nossas coleções e provenientes das mais variadas regiões do paiz.

Glossophaga soricina (Pallas)

Vespertilio soricinus Pallas, 1766, Miscelanea Zoologica, pg. 48, pl. 5, fig. 161.

Glossophaga soricina microtis J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 52 (Urucum, Estado de Mato Grosso); localidade típica: Surinam.

1 ♂ e 3 ♀ ♀ de Goiania, Estado de Goiaz; agosto de 1949; 7 ♂ ♂ de Dumbá, rio das Mortes, setembro de 1949; 4 ♂ ♂ e 10 ♀ ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso; Setembro de 1949 (exemplares em álcool).

Este pequeno morcego é também um dos mais largamente distribuidos por todo o Brasil, pois tem sido constatado desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul.

J. A. Allen (*) considerou os exemplares de Urucum, norte de Mato Grosso como pertencentes à suposta raça *Glossophaga soricina microtis* Miller (**) baseada no menor tamanho das orelhas e leves diferenças cranianas.

(*) Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, 1916, vol. 35, g. 582.

(**) Localidade típica: Sapucai, Paraguay.

Estes exemplares do Rio das Mortes, assim como todos os outros exemplares que possuimos de Mato Grosso, não apresentam as diferenças apontadas por Miller quando comparados com outros provenientes de várias localidades do Amazonas e do Pará, regiões mais aproximadas de Surinam, localidade típica de *Glossophaga soricina.*

Vampyrops lineatus (E. Geoffroy)

Phyllostoma lineatum E. Geoffroy, 1810, Ann. du Museum, XV, p. 180; localidade típica: Paraguay.

3 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀ da Grota do Mombuca, região do Roncador, Mato Grosso (peles cheias).

Morcego frugívoro de trinta centímetros de envergadura com focinho curto, largo e achatado; folha nasal bem desenvolvida, lanceolada e com extremidade aguçada.

O que o caracteriza principalmente são as quatro listras brancas da cabeça, duas paralelas na fronte, da base da folha nasal à parte posterior das orelhas e duas na face, sob os olhos; no dorso, uma listra branca muito alva e nítida corre do occiput à base da membrana intrafemural, que é profundamente recortada.

É encontradiço da Amazônia ao Paraguay e Brasil meridional, onde é bem comum no Estado de São Paulo.

Família *EMBALLONURIDAE*

Rhynchiscus naso (Wied)

Vespertilio naso Wied, 1820, Reise nach Brasilien, pg. 251; localidade típica: rio Muserí, Minas Gerais.

Rhynchiscus naso J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 582 (Porto campo, Mato Grosso).

2 ♂ ♂ e 1 ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, IX-1949 (peles cheias).

Diminuto morcego, fàcilmente reconhecível pelo comprido focinho de extremidade proeminente que se projeta além do lábio inferior com uma pequenina tromba e pelo antebraço revestido de tufos de pêlos.

É comum por toda a América Central e do Sul, tendo sido constatado desde a Amazônia até o norte de Mato Grosso, Minas Gerais e Espírito Santo, que parece ser o seu limite de dispersão meridional.

Peropteryx macrotis (Wagner)

Emballonura macrotis Wagner, 1843, Archiv. fur Naturg., 9, pg. 367; localidade típica: Mato Grosso.

Peropteryx canina M. Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 23. (Cáceres, Mato Grosso).

3 ♂ ♂ de Dumbá, Rio das Mortes, Mato Grosso, IX-1949 (em álcool). 2 ♂ ♂ e 5 ♀ ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, IX-1949 (em álcool).

Morcego pequeno com focinho obliquamente truncado que também se projeta ligeiramente além do lábio inferior, que é profundamente sulcado no meio.

Os machos são munidos de bolsa antebraquial com abertura dirigida para o lado externo; nas fêmeas essa bolsa é reduzida a simples dobra da membrana.

Não é raro no Estado de São Paulo, principalmente na zona do litoral, estendendo-se sua área de dispersão até a Amazônia e América Central.

Saccopteryx bilineata (Temminck)

Urocryptes bilineatus Temminck, 1835, Monograph. Mammal., II, pg. 301; localidade típica: Surinam.

Saccopteryx bilineata J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 582 (Melgaço, Mato Grosso).

1 ♂ e 3 ♀ ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, X-1949 (peles cheias).

Os morcegos do gênero *Saccopteryx* são notáveis pelas bolsas secretoras de substância untuosa que os machos possuem nas membranas antebraquiais; nas fêmeas, essas bolsas são rudimentares, reduzidas a simples dobras da pele.

Nesta espécie, este saco apresenta-se muito desenvolvido como acontece com este único exemplar do Rio das Mortes em que atinge a um centímetro de diâmetro.

Cacaracterizam-se também pelas listras brancas longitudinais que sobressaem no dorso revestido de sedosos pêlos negros que, nas fêmeas, são bem mais apagadas.

Estes exemplares do Rio das Mortes são inteiramente semelhantes nas dimensões e no colorido aos numerosos exemplares que possuímos do rio Juruá, no Estado de Amazonas e Boiussú, no Estado do Pará.

Família *VESPERTILIONIDAE*

Dasypterus intermedius (J. A. Allen)

Lasiurus intermedius J. A. Allen, 1862, Proceed. Acad. Sc. Philadelphia, pg. 146; localidade típica: Matamoros, México.

1 ♀ de Goiania, Estado de Goiaz, VIII-1949 (pele cheia).

Da vasta família dos vespertiliônidas, morcegos essencialmente insetívoros, sòmente foi coletado este exemplar.

É morcego de regular tamanho, com orelhas um tanto grandes, revestido de pêlos espessos e lanosos, de coloração pardo-amarelada.

Sua área de dispersão é vastíssima, pois tem sido notificado desde o México até o Rio Grande do Sul.

Família *MOLOSSIDAE*

Molossus rufus E. Geoffroy

Molossus rufus E. Geoffroy, 1805, Annales du Museum, VI, pg. 154; localidade típica: América do Sul.

2 ♂ ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso, IX-1949 (peles cheias).

Morcego insetívoro muito comum por todo o Brasil.

Estes exemplares não se diferenciam dos numerosos da coleção do Departamento de Zoologia e provenientes das mais diversas regiões do Brasil.

Eumops glaucinus (Wagner)

Dysopes glaucinus Wagner, 1843, Wiegman's Archiv fur Naturg., pg. 368 (Estado de Mato Grosso); localidade típica: Cuiabá, Estado de Mato Grosso).

1 ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso.

Dos grandes molossidas deste gênero, só foi coletada esta espécie, que é aliás bem rara no Brasil.

Bem maior que *Molossus rufus*, tem orelhas mais largas, arredondadas, que quase alcançam a extremidade do focinho quando inclinadas sobre ela; coloração geral quase negra; machos com saco gular bem desenvolvido, abrindo-se para baixo, saco esse que é rudimentar nas fêmeas.

Membranas das asas ligadas aos tornozelos.

As medidas deste exemplar são as seguintes: cabeça e corpo 80; cauda livre 16; tíbia 17; pé 10; antebraço 60; altura da orelha 13; trago 4; terceiro metacarpo 60; primeira falange 26; segunda falange 23 polegar 9.

Tem vasta área de distribuição, sendo encontrado desde a América Central até o Estado de São Paulo, onde é bastante raro.

Molossops temminckii (Burmeister)

Dissopes temminckii Burmeister, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 72; localidade típica: Minas Gerais.

1 ♂ e 1 ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso; X-1949 (pele cheia e exemplar em álcool).

Este pequeno morcego tem sido encontrado no Paraguay e no Brasil (sul de Goiaz, Estados de Minas Gerais e São Paulo), não sendo porém comum em parte alguma.

É esta a primeira vez que é notificado em Mato Grosso.

Família *NOCTILIONIDAE*

Noctilio leporinus leporinus (Linnaeus)

Vespertilio leporinus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª edição, pg. 32; localidade típica: Guiana Franceza.

1 ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, setembro de 1949 (em álcool).

Grande morcego de cor pardo-ferrúgem, caracterizado pela cabeça de aparência canina e fortes e aguçadas garras dos pés.

São habituais fequentadores da beira mar, rios e lagoas sobre cujas aguas voam desde o crepúsculo, alimentando-se de insetos, principalmente coleopteros, não desprezando também peixes que possam encontrar.

O colorido pardo-ferrugíneo varia entretanto com a idade, em exemplares caçados no mesmo bando e no mesmo local, como pode-se observar nos numerosos exemplares do Departamento de Zoologia.

Dirias albiventer (Spix)

Noctilio albiventer Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species novae, pg. 58.

Noctilio albiventer Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 23 (Corumbá, Estado de Mato Grosso); localidade típica: Rio São Francisco, Bahia.

3 ♂ ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso (em álcool).

Bem menor que *Noctilio leporinus* com o qual muito se parece no aspecto geral.

É notável sua variação de colorido, o que deu lugar a grande confusão, resultando a descrição de novas espécies e subespécies.

A coloração é quase sempre pardo-ferrugínea nas partes superiores e amarelo-clara nas inferiores com uma estria esbranquiçada muitas vezes quase imperceptível no dorso, onde passa frequentemente a pardo-murino escura.

Nestes três exemplares de São Domingos, o de n.º 6949 é de colorido pardo amarelado, ao passo que os dois outros são pardo-ferrugíneos.

Parece ter área de distribuição mais restrita que *Noctilio leporinus,* pois ainda não foi identificado no Brasil meridional.

CARNIVOROS

Família *CANIDAE*

Cerdocyon thous azarae (Wied)

Nome local: *"Lobinho"*

Canis azarae Wied, 1826, Beitrage zur Naturgeschicht von Brasilien, band II, pg. 338; localidade típica: Bahia.

Canis azarae Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 29 (Coruja, Mato Grosso).

Cania cancrivorus Thomas, 1903, On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 23 (Chapada, norte de Mato Grosso).

Cerdocyon thous azarae J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. XXV, pg. 57 (Paraguay).

1 ♂ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele cheia e crânio).

Este único exemplar de cânida obtido pela expedição não difere essencialmente no colorido e nas dimensões externas e cranianas dos exemplares em nossas coleções provenientes da região de Cuiabá e leste de Goiaz, nas divisas de Minas Gerais.

Esta forma, que é comum por todo o Brasil central e meridional, apresenta muitas vezes variações individuais que podem ser observadas em indivíduos caçados na mesma localidade.

Dentre as várias subespécies propostas por diversos autores parece ser esta e *C. thous entrerianus* (Burmeister) do extremo sul do paiz, as únicas realmente separáveis da típica *C. thous thous* (L.) das Guianas e Amazônia.

Família *PROCYONIDAE*

Nasua nasua rufa Desmarest

Nome local: *"Coati"*

Nasua rufa Desmarest, 1820, Mammalogie ou Description des Espèces de Mammifères, pg. 170; localidade típica: Pernambuco.

1 ♀ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele cheia e crânio).

Das controvertidas formas de coatis do Brasil, parece ser esta uma das melhores definidas.

É de coloração muito mais amarelo-arruivada nas partes superiores que os exemplares obtidos em 1944 pelo Departamento de Zoologia no Rio Aricá, região ao norte de Cuiabá, Estado de Mato Grosso. (*)

Família *FELIDAE*

Leopardus pardalis brasiliensis (Oken)

Nome local: *"Jaguatirica"*

Lynx brasiliensis Oken, 1816, Leherbuch Naturg. Zool., 3, pg. 1050; localidade típica: Santo Inacio, Paraguay.

Felis pardalis Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 58 (Afonso, norte de Mato Grosso).

Leopardus pardalis brasiliensis Pocock, 1940, The races of Ocelot, and Margay; Field Museum of Nat. History; Zoological Series, vol. 27, pg. 322 (Brasil).

1 ♂ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele aberta e crânio).

Este grande gato, como todos os outros de pele mosqueada, apresenta grande variação de colorido fundamental que ora se apresenta pardo acinzentado, ora francamente ocráceo; também as manchas pretas do dorso variam muito de tamanho e forma, sendo ora estreitas e alongadas, ora largas e circulares.

Essas variações individuais deram lugar à criação dum sem número de raças e até mesmo de espécies novas, muitas das quais foram invalidadas, admitindo-se hoje que esta espécie, em sua enorme área de distribuição (do norte da Argentina ao sul dos Estados Unidos), apresenta uma dezena de raças geográficas, das quais sòmente *L. pardalis brasiliensis* ocorre em território brasileiro.

Família *MUSTELIDAE*

Tayra barbara barbara (Linnaeus)

Nome local: *"Irara"*

Mustela barbara Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 46; localidade típica: Pernambuco.

Galera barbara O. Thomas, 1903, Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 236 (Chapada, Mato Grosso); Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas (Caiçara, norte de Mato Grosso).

(*) Cf. C. Vieira, 1944, Arquivos de Zoologia do Departamento de Zoologia, vol. IV, pg. 404.

1 ♂ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele cheia e crânio).

A variação do colorido geral destes mustélidas é notável, desde o cinza escuro até o negro luzidio, sendo comum os casos de semi-albinismo e albinismo total.

Este exemplar apresenta-se cinza muito escuro, quase negro ao longo do dorso, cauda e membros anteriores e posteriores.

As iraras do norte de Mato Grosso, asim como as do Brasil central pertencem a esta raça cuja localidade típica é Pernambuco. (*)

Pteronura brasiliensis paranaensis (Rengger)

Nome local: "*Ariranha*"

Lutra paranaensis Rengger, 1830, Naturg. Saugethiere von Paraguay, pg. 128; localidade típica: Paraguay.

Lutra brasiliensis Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 28 (Rio Jaurú, norte de Mato Grosso).

Pteronura brasiliensis paranaensis Pohle, 1929, Archiv fur Naturgesch. Abth. 85; heft 19, pg. 133.

2 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; outubro de 1949 (peles abertas e crânios).

Muito maior que as lontras do gênero *Lutra*, chega este grande mustélida a atingir 1 metro e 20 centímetros de corpo, tendo a cauda cerca de 1 metro.

Difere daquelas principalmente em ter a extremidade do focinho, entre as ventas, coberta de pêlos a cauda achatada, em vez de cilíndrica em sua maior extensão.

Esta raça é peculiar ao Brasil central e meridional até a Argentina e Paraguay. A raça típica *P. brasiliensis brasiliensis* (Blumenbach) é das Guianas e Amazonia.

Dimensões: exemplar n.º 7022, ♂; comprimento total 1580 mm; cauda 420; crânio: comprimento total 150; comprimento côndilo basal 149; largura bizigomática 99; série molar superior 40; comprimento da mandíbula 101.

N.º 7021, ♀; comprimento total 1670; cauda 580; crânio: comprimento total 165; comprimento côndilo basal 164; largura bizigomática 98; série molar superior 43; comprimento da mandíbula 105.

(*) Designada por Lönnberg, 1914, Arkiv for Zoologi, band 8, pg. 20.

ROEDORES

Família *HYDROCHOERIDAE*

Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris (Linnaeus)
Nome local: "*Capivara*"

Sus hydrochoeris Linnaeus, 1766, Systema Naturae, 12.ª ed., pg. 103 (em parte); localidade típica: "Brasil".
Hydrochoerus capybara Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 44.
Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris Ellerman, 1940, The Families and Genera of Living Rodents, vol. I, pg. 253.

2 ♂ ♂ adultos e 1 ♂ jovem e 6 ♀ ♀ adultas de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; setembro a outubro de 1949.

Deste roedor semi-aquático, o maior atualmente existente, duas espécies são consideradas: *Hydrochoerus isthmicus* Goldman do Panamá e *Hydrochoerus hydrochoeris* (Linnaeus) de larga distribuição por toda a América do Sul, da Argentina à Colômbia.

Duas raças podem ser especificadas nessa vasta área: *Hydrochoerus hydrochoeris hydrochoeris* (Linnaeus) e *Hydrochoeris hydrochoeris notialis* Hollister. (*)

A primeira é própria das Guianas, Amazônia e Brasil Central, a segunda, cuja localidade típica é o Paraguay, ocorre também ao norte da Argentina e Paraguay e provàvelmente no extremo sul do Brasil.

Estes exemplares do Rio das Mortes, de várias idades, não diferem nas dimensões cranianas dos numerosos exemplares do Departamento de Zoologia, provenientes dos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Família *ERETHIZONTIDAE*

Coendou prehensilis centralis O. Thomas
Nome local: "*Ouriço*"

Coendou centralis O. Thomas, 1903, On Mammals colected by Mr. Robert at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 240; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

1 ♂ de Dumbá, Araguaia, Mato Grosso, setembro de 1949; 1 ♂ da região de Goiania, Goiaz, agosto de 1949 (peles cheias e crânios).

Concordam estes crânios com os obtidos na região de Cuiabá pela expedição do Departamento de Zoologia em 1944.

(*) Hollister, 1914, Proceed. Biol. Soc. Washington, 27, pg. 58.

Difere da forma típica *C. prehensilis prehensilis* Linnaeus, cuja localidade típica é Pernambuco em ser menor e ter o crânio muito mais largo e entumescido.

Família *DASYPROCTIDAE*

Dasyprocta azarae aurea Cope

Nome local: "*Cutia*"

Dasyprocta aurea Cope, 1889, American Naturalist, vol. 23, pg. 138; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

Dasyprocta azarae O. Thomas, 1903, On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada; Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 241 (Chapada, Mato Grosso).

3 ♂ ♂ de Dumbá, Rio Araguaia, Mato Grosso, setembro de 1949; 1 ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, setembro de 1949 (peles cheias e crânios).

As cutias das regiões meridionais e centrais de Mato Grosso constituem uma raça bem definida, diferenciando-se de *D. azarae azarae* Lichtenstein, que tem como localidade típica São Paulo, principalmente no colorido geral muito mais amarelo, cor de enxofre, em vez de amarelo ocráceo. (*)

ARTIODÁCTILOS

Família *CERVIDAE*

Ozotocerus bezoarticus bezoarticus (Linnaeus)

Nome local: "*Campeiro*"

Cervus bezoarticus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 67.

Cervus campestris Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 33 (Uricurisal e Porto Esperidião, Mato Cabral).

Blastocerus bezoarticus campestris J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35; pg. 565 (Tapirapoã, Mato Grosso).

Dorcelaphus bezoarticus Miranda Ribeiro, 1919, Os veados do Brasil; Rev. Museu Paulista, tomo XI, pg. 28 (Norte de Mato Grosso).

Ozotocerus bezoarticus bezoarticus Cabrera, 1943, Revista del Museu de La Plata, tomo III, Zoologia, pg. 38.

6 ♂ ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, novembro de 1949 e 1 ♀ de Pindaiba, Rio das Mortes, Mato Grosso; agosto de 1949 (peles abertas e crânios).

(*) Cf. C. Vieira, 1944. Sobre uma coleção de mamíferos de Mato Grosso; Arquivos de Zoologia, vol. IV, pg. 424.

Conforme os colecionadores deste material, este veado parece ser muito abundante nessa região do Rio das Mortes.

A coloração geral é ruivo-baia, com ligeiras variações individuais, não diferindo dos exemplares vindos do sul de Mato Grosso.

Mazama simplicicornis (Illiger)

Nome local: *"Catingueiro"*

Cervus simplicicornis Illiger, 1811, Abhandl. K. Akad. Wissenchft Berlin, Phys. Kl., pg. 127; localidade típica: Brasil.

Mazama simplicicornis Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 23 (Tapirapoã, norte de Mato Grosso); J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, n.º 35, pg. 566 (Rio Negro, Paraguay); Miranda Ribeiro, 1919, Os veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 70.

1 ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, agosto de 1949 (pele aberta e crânio).

Das quatro espécies de veados de chifres singelos conhecidos no Brasil, é esta exclusivamente dos campos e cerrados, sendo largamente distribuida desde a Venezuela e Guianas até o Paraguay e norte da Argentina e Rio Grande do Sul.

Durante muito tempo foi confundido por diversos autores com *Mazama rondoni*, o chamado "Veado Rôxo" na Amazônia, tendo sido definitivamente fixado como espécie distinta em 1919 por Miranda Ribeiro. (*)

Esta espécie, da qual o Departamento de Zoologia possue avultado material proveniente sobretudo do baixo Rio Tapajós, estado do Pará, diferencia-se logo à primeira vista de *M. simplicicornis* não só no tamanho menor, como principalmente na coloração geral quase uniformemente cinza sépia, côr essa também da cauda e dos membros,ao contrário daquela espécie que os tem ruivo-canelinos.

Blastocerus dichotomus (Illiger)

Cervus dichotomus Illiger, 1811, Abhaudal. K. Wissenchaft Berlin, Phys. Kl., pg. 117; localidade típica: Paraguay.

Cervus dichotomus Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 32 (Paratudal, Rio Paraguai; Porto Esperidião, Rio Jaurú).

Blastocerus dichotomus J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 365 (Palmei-

---

(*) Miranda Ribeiro, 1919, Os Veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 70.

ra, Mato Grosso); Miranda Ribeiro, 1919, Os veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 39.

1 ♂ adulto de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; setembro de 1949 (pele aberta e crânio).

1 ♂ imaturo de Molha Saco, Rio das Mortes; setembro de 1949 (crânio).

É este o maior dos cérvidas da América do Sul, sendo ainda encontradiço nessas regiões semi-desertas do Rio das Mortes.

Seu tamanho máximo, segundo Miranda Ribeiro (*), vai a 2 metros e 10 centímetros da ponta do focinho à extremidade dos pêlos da cauda.

Este único exemplar completo coletado pela expedição mede 2 metros e 5 centímetros, tendo o seu crânio as seguintes edimensões: comprimento total 305; série dos molares superiores 85; largura zigomática 130; comprimento dos nasais 130; comprimento da mandíbula 160.

Família *TAYASSUIDAE*

Tayassu tajacu (Linnaeus)

Nome local: "*Cateto*"

Sus tajacu Linnaeus, 1756, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 50; lacalidade típica: "Brasil".

Tayassu tajacu O. Thomas, 1903, On the Mammals of Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, vol. I, pg. 242 (Chapada, Mato Grosso).

Tajacu tajacu Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 31 (Rio Jaurú, Mato Grosso).

Pécari tajacu J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 565 (Urucum, Porto do Campo, e São Lourenço, Mato Grosso).

3 ♂ e 1 ♀ de Pindaiba, Rio das Mortes, Mato Grosso; setembro de 1949 (peles abertas e crânios).

Bem menor que a outra espécie do mesmo gênero, *Tayassu pecari* Fischer, caracteriza-se pelo colorido esbranquiçado que lhe rodeia todo o pescoço, subindo do peito para as costas.

Estes exemplares do Rio das Mortes em nada diferem, quer nas dimensões quer no colorido, dos exemplares existentes no Departamento de Zoologia e provenientes do Amazonas (alto Rio Juruá) ou de várias localidades do sul de Mato Grosso e do interior do Estado de São Paulo.

(*) Miranda Ribeiro, 1919, Os Veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, tomo XI, pg. 39.

PERISSODÁCTILOS

Família *TAPIRIDAE*

Tapirus terrestris (Linnaeus)

Nome local: "*Anta*"

Hippopotamus terrestris Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 74; localidade típica: Brasil.

Tapirus terrestris Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 31 (Rio Jaurú, norte de Mato Grosso); J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 566 (Rio Sepotuba, Mato Grosso).

1 ♂ e 2 ♀ ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; outubro de 1949 (crânios).

1 ♂ de Suaçu-mussu, afluente do Xingú, Mato Grosso; outubro de 1949 (crânio).

Apesar das afirmativas da existência de duas ou mais formas de antas no interior do paiz, estes crânios não diferem, quer na morfologia, quer nas dimensões, de outros crânios procedentes de várias regiões do Estado de São Paulo (rios Piracicaba, Tietê, Paraná e Paranapanema) assim como do sul de Mato Grosso (Rio Miranda).

CETÁCEOS

Familia *INIIDAE*

Inia geoffroyensis Blainville

Nome local: "*Boto*"

Inia geoffroyensis Blainville, 1817, Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, IX, pg. 151; localidade típica: América do Sul.

Inia geoffroyensis Miranda Ribeiro, 1943, Arquivos do Museu Nacional, vol. 37, pg. 37 (Manaus, Amazonas).

1 ♀ com feto de São Domingos, Rio das Mortes, setembro de 1949 (pele em formol e crânio).

Deste cetáceo fluvial próprio da bacia amazônica, foi conseguido apenas um exemplar, apesar de ser bem comum nos rios Araguaia e Mortes.

Esta pele, embora esteja conservada em formol, ainda apresenta colorido cinza-plúmbeo nas partes superiores e róseo esbranquiçado nas inferiores.

Este exemplar, que possue 102 dentes, dos quais 50 nos maxilares superiores e 52 nos inferiores, tem as seguintes dimensões: comprimento total 1980 mm; nadadeiras 51; cauda 34; crânio: comprimento total 520 mm.

XENARTROS

Família *MYRMECOPHAGIDAE*

Tamandua tetradactyla chapadensis J. A. Allen

Nome local: "*Tamanduá mirim*"

Tamandua tetradactyla Thomas, 1903, On the Mammals of Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 242 (Chapada, Mato Grosso); Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas; anexo 5, Zoologia, pg. 46 (São Luís de Cáceres, Mato Grosso).

Tamandua tetradactyla chapadensis J. A. Allen, 1904, Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 20, pg. 392; localidade típica: Chapada, Mato Grosso.

3 ♀♀ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso, outubro de 1949 (peles cheias e crânios).

Difere esta raça da típica *Tamandua tetradactyla tetradactyla* Linnaeus não só nas dimensões como no crânio: os ossos nasais são muito mais curtos e a caixa craniana é muito mais achatada e menos convexa.

Estes exemplares de São Domingos concordam plenamente nas medidas e no colorido com os do Rio Aricá, norte de Mato Grosso, colecionados em 1944 pela expedição do Departamento de Zoologia.

Família *DASYPODIDAE*

Dasypus novemcinctus novemcinctus Linnaeus

Nome local: "*Tatu galinha*"

Dasypus novemcinctus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 51; localidade típica: América Meridional.

Tatu novemcinctus O. Thomas, 1903, On the Mammals of Percy Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 243 (Chapada, Mato Grosso).

Tatusia novemcincta Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 46 (São Luís de Cáceres, Mato Grosso).

1 ♂ juv. de Chavantina, Mato Grosso.

É este o tatu mais conhecido por todo o Brasil, tendo vasta distribuição por quase toda a América do Sul, do norte da Argentina às Guianas e Venezuela.

Dasypus septemcinctus Linnaeus

Nome local: "*Tatu galinha*"

Dasypus septemcinctus Linnaeus, 1758, Systema Naturae, 10.ª ed., pg. 51; localidade típica: América Meridional.

Muletia hybrida Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas; anexo 5, Zoologia, pg. 46 (Alto Gi-Paraná, Mato Grosso).

1 ♂ e 2 ♀ ♀ de São Domingos, Rio das Mortes, setembro e outubro de 1949 (peles cheias e crânios).

É este tatu bem menor que o precedente e de coloração muito mais escura e caracteriza-se pelas orelhas muito menores, cauda muito mais curta, sete cintas móveis.

Sua área de dispersão é mais restrita, pois seu limite setentrional parece ser o norte de Mato Grosso.

Estes exemplares têm as mesmas dimensões dos exemplares do Departamento de Zoologia colecionados no interior do Estado de São Paulo, onde é muito mais raro.

Cabassous loricatus Pelzeln

Nome local: "*Tatu de rabo mole*"

Xenurus loricatus Pelzeln, 1883, Verhandl. Zool. Bot. Gess. Wien, Beiheft, pg. 102 (Cabeça de Boi, Mato Grosso).

Cabassous loricatus J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Mus. Nat. History, vol. 35, pg. 565 (Utiariti, Mato Grosso).

2 ♂ ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, Mato Grosso; novembro de 1949 (peles cheias e crânios).

O gênero *Cabassous* caracteriza-se em ter 34 dentes pequenos e subcilíndricos; crânio alongado com profunda constrição por trás das órbitas e forte entumescimento na frente; mandíbula delgada, com processo coronoide muito pequeno e agudo.

Externamente são tatus de carapaça muito flexível e pouco convexa, cauda curta e quase toda nua; dedos munidos de unhas muito grandes e fortes.

Esta espécie até agora, no Brasil, só tem sido encontrada em Mato Grosso.

MARSUPIAIS

Família *DIDELPHIIDAE*

Didelphis paraguayensis Oken

Nome local: "*Gambá*"

Didelphis paraguayensis Oken, 1816, Leherbuch Naturgeschichte, Theil III, Abt. II, pg. 1147; localidade típica: Assuncion, Paraguay.

Didelphis paraguayensis O. Thomas, 1903, On the Mammals of the Persen Sladen Expedition; Proceed. Zool. Soc. London, pg. 243 (Chapada, Mato Grosso; Miranda Ribeiro, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas

Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia pg. 48 (São Luís de Cáceres, Mato Grosso).

Didelphis paraguayensis paraguayensis J. A. Allen, 1916, Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. 35, pg. 562 (Rio Negro, Paraguay; Utiarití, Mato Grosso).

1 ♂ de São Domingos, Rio das Mortes, setembro de 1949 pele cheia e crânio).

É conhecido desde o centro e o norte do Brasil até o Rio Grande do Sul, Paraguay e norte da Argentina.

É menor que os outros dois gambás grandes do Brasil, *Didelphis marsupialis* da Amazônia e *Didelphis aurita* do Brasil Meridonal e distingue-se em ter as orelhas menores, esbranquiçadas e ligeiramente róseas; cabeça e pescoço brancos, com forte listra preta correndo do pescoço à nuca onde se confunde com o dorso escuro.

BIBLIOGRAFIA

PELZELN — 1883 - Brasilische Säugethiere.

GOELDI — 1893 - Os Mamíferos do Brasil.

OLDFIELD, THOMAS — 1903 - On the Mammals collected by Mr. Robert at Chapada, Mato Grosso; Proceed. Zool. Soc. of London, vol. V, pg. 236.

HERMANN VON IHERING — 1911 - Os Mamíferos do Brasil Meridional; Revista do Museu Paulista, vol. VIII, pg.

ELLIOT — 1913 - A Review of the Primates, vol. I.

MIRANDA RIBEIRO — 1914 - Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia.

J. A. ALLEN — 1916 - Mammals of the Roosevelt Expedition; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. XXXV, pg.

MIRANDA RIBEIRO — 1919 - Os Veados do Brasil; Revista do Museu Paulista, vol. XI, pg.

MIRANDA RIBEIRO — 1936 - Didelphia ou Mammalia ovo-vivipara; Revista do Museu Paulista, vol. XX, pg.

TATE — 1939 - The Mammals of the Guiana Region; Bull. Amer. Museum Nat. History, vol. LXXVI, pg. 156.

CABRERA e YEPES — 1940 - Mamiferos sud-americanos; Historia Natural Ediar.

ELLERMAN — 1940 - The Families and Genera of Living Rodents.

ELÁDIO LIMA — 1944 - Mamiferos da Amazônia, vol. I, Primatas.